

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Sul (IBCR-S)

Dados dessazonalizados
2002 = 100

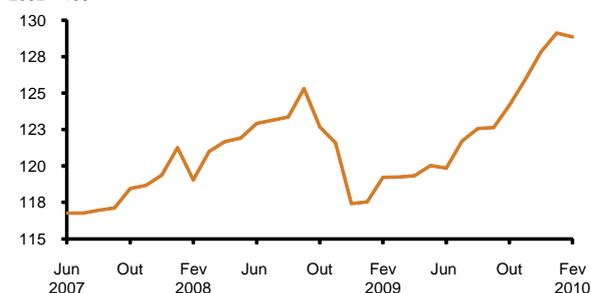
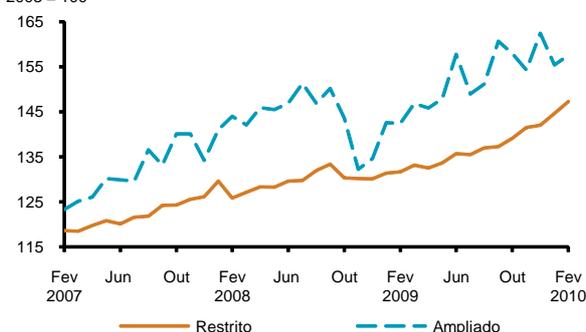


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2009	2010		12 meses
		Nov ^{1/}	Fev ^{1/}	
Comércio varejista	4,8	2,4	3,8	6,0
Combustíveis e lubrificantes	-1,6	1,8	2,5	-1,8
Hiper, supermercados	4,3	0,4	3,3	5,5
Tecidos, vestuário e calçados	0,9	0,9	2,6	2,2
Móveis e eletrodomésticos	3,1	5,8	4,7	5,9
Comércio varejista ampliado	5,5	3,3	0,5	7,1
Automóveis e motocicletas	10,3	10,1	-1,2	11,8
Material de construção	-11,0	5,6	6,9	-6,0

Fonte: IBGE

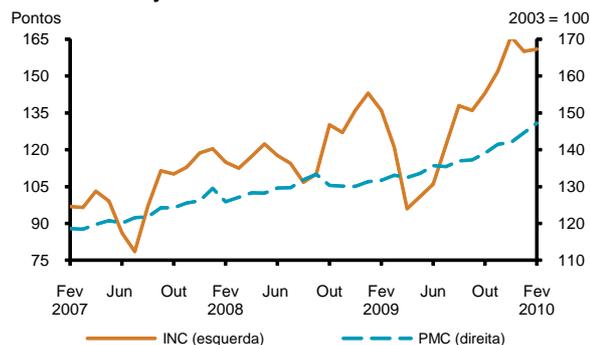
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Os principais indicadores econômicos da região, retratando as expansões registradas nas operações de crédito e nos rendimentos da maior parte das categorias de trabalhadores, assinalaram crescimento generalizado nos primeiros meses de 2010. Esse movimento, além de ratificar a superação dos impactos negativos provocados pelos desdobramentos do agravamento da crise financeira mundial, se constitui em indicativo importante de que a economia do Sul registrará desempenho favorável no decorrer do ano. Essa perspectiva se expressa, adicionalmente, na trajetória do IBCR-S, que registrou elevação de 3,5% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando havia aumentado 2,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista elevaram-se 3,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam aumentado 2,4%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados agregados e dessazonalizados da PMC, do IBGE. Esse resultado refletiu os aumentos registrados em oito dos nove segmentos considerados na pesquisa, com ênfase nos relativos a outros artigos de uso pessoal e doméstico, 6,3%; móveis e eletrodomésticos, 4,7%; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 4,4%. Houve recuo no trimestre nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, em 1,7%. O comércio ampliado, agregando as variações registradas nas vendas de automóveis e motocicletas, -1,2%, e materiais de construção, 6,9%, cresceu 0,5% no trimestre.

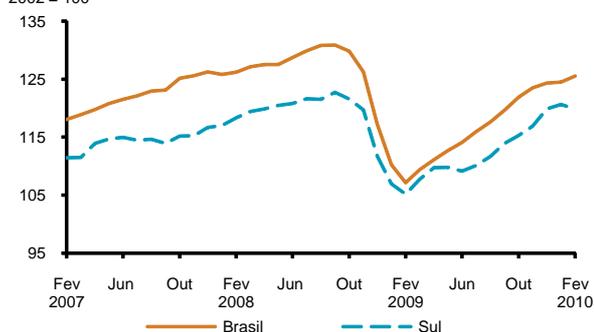
Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 6% em fevereiro, refletindo, em grande parte, as expansões observadas nos segmentos material de escritório e informática, 39,6%; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 19%; e livros, jornais, revistas e papeleria, 13,7%. O comércio ampliado, incorporadas as variações

Gráfico 5.3 – Índice Nacional de Confiança e comércio varejista – Sul



Fontes: ACSP e IBGE

Gráfico 5.4 – Produção industrial – Sul
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		Acum. 12 meses
		Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	
Indústria geral	100,0	4,7	2,5	-1,8
Alimentos	20,6	-0,7	2,2	-3,4
Máquinas e equipamentos	10,3	9,1	7,9	-8,4
Refino de petróleo e álcool	9,3	0,0	-1,4	9,4
Veículos automotores	9,5	15,2	17,4	-14,8
Edição, impr. e repr. de grav.	8,9	13,5	-4,8	18,2
Celulose, papel prod. papel	7,4	1,7	1,9	2,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de fevereiro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

registradas nas vendas de automóveis e motocicletas, 11,8%, e materiais de construção, -6%, cresceu 7,1% no período.

O Índice Nacional de Confiança (INC) da região Sul, divulgado pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 161 pontos em fevereiro, ante 152 pontos em novembro e 136 pontos em igual período do ano anterior. O desempenho do indicador refletiu, em especial, a melhora das expectativas em relação à economia da região e à situação financeira pessoal.

A produção da indústria da região Sul registrou expansão de 2,5% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando se elevava, na mesma base de comparação, 4,7%, de acordo com estatísticas da PIM-PF Regional, do IBGE, relativas aos estados da região, agregadas e dessazonalizadas pelo Banco Central. Doze das dezenove atividades consideradas na pesquisa, representando 69,4% da produção da indústria de transformação, registraram resultados positivos, com ênfase nos assinalados nos segmentos mobiliário, 21,2%, favorecido pela incidência de menor tributação; veículos automotores, 17,4%, igualmente favorecido pela menor carga tributária; e produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos, 10,4%. Em sentido inverso, as maiores retrações ocorreram nas indústrias de fumo, 9,1%; e edição, impressão e reprodução de gravações, 4,8%.

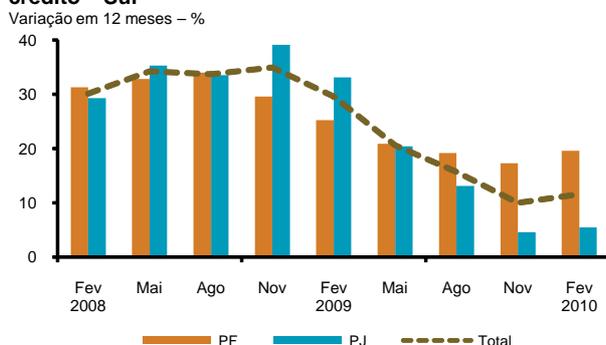
A análise em doze meses revela que a indústria da região recuou 1,8% em fevereiro, em relação ao intervalo correspondente de 2009, ante retração de 7,6% em novembro, no mesmo tipo de comparação. Ocorreram reduções na produção em onze das dezenove atividades incluídas na pesquisa, com destaque para calçados e artigos de couro, 16,2%; madeira, 15,9%; veículos automotores, 14,8%; e produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos, 14,9%.

A recuperação da produção da indústria da região foi confirmada pela trajetória dos indicadores do mercado de trabalho da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes), do IBGE. Nesse sentido, considerados dados dessazonalizados, após assinalarem expansões respectivas de 1,5%, 0,4% e 0,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, a folha real de pagamentos, as horas trabalhadas e o pessoal ocupado registraram, na ordem, crescimentos de 1,6%, 1,3% e 1,0% no trimestre encerrado em fevereiro.

Em relação à indústria da construção, conforme dados do Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (SNIC)

as vendas de cimento na região Sul elevaram-se 14% no primeiro trimestre de 2010, em relação a igual período do ano anterior, resultado 4,3 p.p. inferior ao assinalado em âmbito nacional.

Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região Sul atingiu R\$234,1 bilhões em fevereiro, elevando-se 3,1% no trimestre e 11,6% em doze meses, ante variações respectivas de 4,7% e 9,9% em novembro. O total dos empréstimos relativo ao segmento de pessoas jurídicas somou R\$126,8 bilhões, aumentando 2,3% no trimestre, com ênfase na expansão das operações contratadas pelo comércio atacadista e pelas empresas de transporte rodoviário de carga. A carteira de pessoas físicas totalizou R\$107,3 bilhões, elevando-se 4,1% no trimestre, com destaque para os desempenhos das modalidades financiamentos de veículos automotores, imobiliários e rurais e agroindustriais. No período de doze meses, os empréstimos relativos a pessoas físicas e pessoas jurídicas elevaram-se, na ordem, 5,5% e 19,6%.

Tabela 5.3 – Necessidades de financiamento – Região Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2008 Jan-dez	2009 Jan-dez	2008 Jan-dez	2009 Jan-dez
Total	-4 912	-3 400	10 181	3 215
Governo estadual	-5 116	-3 035	10 017	3 055
Capital	18	-143	35	46
Demais municípios	186	-222	129	115

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

A taxa de inadimplência no sistema financeiro da região atingiu 3,4% em fevereiro, ante 3,6% em novembro, recuo decorrente das variações assinaladas nas taxas relacionadas aos segmentos de pessoas jurídicas, -0,17 p.p., e de pessoas físicas, -0,34 p.p., que se situaram, na ordem, em 2,6% e 4,3%.

Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida 2008 Dez	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/} 2009 Dez	
		Nominal	Juros	Total ^{3/}	Outros ^{4/}	
Total (A)	62 695	-3 400	3 215	-184	-1 112	61 399
Governo est.	61 998	-3 035	3 055	20	-960	61 059
Capital	382	-143	46	-97	-140	145
Demais mun.	315	-222	115	-108	-12	195
Brasil^{5/} (B)	424 877	-23 123	21 046	-2 076	-5 213	417 588
(A/B) (%)	14,8	14,7	15,3	8,9	21,3	14,7

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

5/ Refere-se à soma de todas as regiões.

O superávit primário dos governos dos estados e dos principais municípios da região Sul totalizou R\$3,4 bilhões em 2009, assinalando recuo anual de 30,8%. Essa trajetória refletiu o impacto da retração da atividade econômica sobre o nível da arrecadação, com ênfase no declínio real de 1,8% – considerado o IGP-DI como deflator – observada nos recolhimentos relativos ao ICMS, conjugado com a relativa rigidez das despesas.

Os juros nominais, apropriados por competência, atingiram R\$3,2 bilhões, recuando 68,4% no período. Esse comportamento decorreu, em parte, da deflação anual de 1,44% registrada pelo IGP-DI em 2009, ante variação positiva de 9,11% em 2008, ressaltando-se que esse indicador se constitui no principal indexador da dívida renegociada junto à União, passivo que representa a maior parcela do endividamento público regional. O resultado nominal, que incorpora o superávit primário e os juros, foi superavitário em R\$184 milhões em 2009, ante déficit de R\$5,3 bilhões no ano anterior.

Adívida líquida dos estados e dos principais municípios da região registrou recuo anual de 2,1% em 2009, totalizando

Tabela 5.5 – Dívida líquida – Região Sul^{1/}

Composição

Região Sul	R\$ milhões		
	2007	2008	2009
	Dez	Dez	Dez
Dívida bancária	1 571	1 721	2 347
Renegociação ^{2/}	48 535	54 711	54 063
Dívida externa	2 626	5 013	3 438
Outras dívidas junto à União	2 859	3 056	2 879
Dívida reestruturada	505	562	300
Disponibilidades líquidas	-53	-2 368	-1 629
Total (A)	56 043	62 695	61 399
Brasil^{2/} (B)	385 841	424 877	417 588
(A/B) (%)	14,5	14,8	14,7

^{1/} Inclui informações dos estados e de seus principais mun. Dados preliminares.^{2/} Refere-se à soma de todas as regiões.**Tabela 5.6 – Produção agrícola – Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2009	2010	
Grãos	78,6	52 392	61 120	16,7
Soja	34,7	18 399	25 101	36,4
Milho	20,7	18 647	21 206	13,7
Arroz (em casca)	11,3	9 117	8 097	-11,2
Trigo	5,8	4 542	4 995	10,0
Outras lavouras				
Fumo	9,7	837	764	-8,8
Cana-de-açúcar	3,9	51 351	56 108	9,3

Fonte: IBGE

^{1/} Por valor da produção – PAM 2008.^{2/} Estimativa segundo o LSPA de março de 2010.**Tabela 5.7 – Indicadores da pecuária – Sul**

Março de 2010

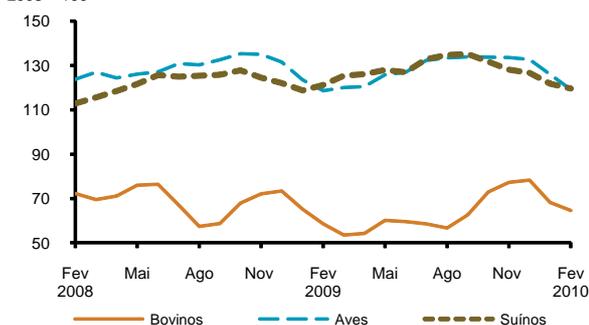
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	23,2	-30,0	-10,4
Suínos	-1,0	-9,3	6,4
Aves	6,5	-2,0	-18,0

Fontes: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC.

Gráfico 5.6 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

R\$61,4 bilhões. As dívidas renegociadas/reestruturadas pela União representaram 88,5% do endividamento líquido ao final de 2009, enquanto as dívidas bancária e externa responderam por 3,8% e 5,6%, respectivamente.

A safra de grãos da região Sul deverá atingir 61,1 milhões de toneladas em 2010, registrando elevação anual de 16,7%, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. Esse resultado traduziu, principalmente, o impacto dos aumentos projetados para as safras de soja, 36,4%; milho, 13,7%; e trigo, 10,0%, neutralizado, em parte, pelo recuo de 11,2% previsto para a colheita de arroz. Dentre as demais culturas, ressaltem-se as estimativas de retrações para as produções de fumo, 8,8%; maçã, 5,9%; e uva, 8,7%.

As cotações médias das principais culturas da região registraram recuo generalizado no primeiro trimestre de 2010, em relação a igual período do ano anterior, de acordo com a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e a Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab/PR). Em relação ao arroz, embora a quebra da safra contribuisse para que as cotações médias de março se situassem em patamar 5% superior ao assinalado em dezembro, o preço médio relativo aos três primeiros meses do ano recuou 4% em relação ao observado no período correspondente de 2009. No mesmo sentido, refletindo a maior produção esperada para a atual safra, as cotações médias de feijão, milho, soja e trigo decresceram, na ordem, 41,5%, 17%, 21,6% e 13,1%, na mesma base de comparação.

Os abates de bovinos e de aves, impulsionados pelo dinamismo da demanda interna, registraram crescimentos respectivos de 23,2% e de 6,5% no primeiro trimestre do ano, em relação à igual período de 2009, enquanto os relativos a suínos reduziram-se 1%, de acordo com dados do Mapa. As exportações de carnes bovinas decresceram 30% no período, seguindo-se as retrações relativas às carnes de suínos, 9,3%, e de aves, 2%.

O déficit comercial da região Sul totalizou US\$1,4 bilhão no primeiro trimestre do ano, ante superávit de US\$813,9 milhões, em igual período de 2009, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações atingiram US\$6,9 bilhões e as importações, US\$8,3 bilhões, ressaltando-se que o avanço de 12,9% observado nas vendas externas refletiu o aumento de 11,7% observado nos preços e de 1,1% assinalado no *quantum* exportado, enquanto o acréscimo de 57,2% registrado nas compras externas decorreu de elevações respectivas de 5,8% e 48,1%.

Tabela 5.8 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	6 082	6 868	12,9	25,8
Básicos	2 371	2 500	5,4	32,8
Industrializados	3 711	4 368	17,7	20,6
Semimanufaturados	446	472	5,8	29,7
Manufaturados ^{1/}	3 265	3 896	19,3	18,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.9 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	5 268	8 283	57,2	36,0
Bens de capital	1 176	1 474	25,3	17,5
Matérias-primas	2 634	4 375	66,1	41,5
Bens de consumo	788	1 283	62,8	43,1
Duráveis	420	764	82,0	65,7
Não duráveis	368	519	41,0	22,1
Combustíveis	670	1 151	71,8	43,3

Fonte: MDIC/Secex

O desempenho das exportações foi sustentado, em especial, pelo aumento de 19,3% observado nas vendas de produtos manufaturados, estimulado pelos crescimentos assinalados nas relativas a automóveis, 78,2%, e a polímeros de etileno, 40%. No mesmo sentido, as exportações de produtos semimanufaturados cresceram 5,8% no período, com ênfase no aumento assinalado nas relativas a couros, 53,2%; enquanto as vendas de produtos básicos elevaram-se 5,4%, ressaltando-se os aumentos observados nas relacionadas a carnes, 16,3%, e a farelo e resíduos da extração de óleo de soja, 15,2%. Os principais mercados externos foram Argentina, EUA, Alemanha, China e Países Baixos, que adquiriram, em conjunto, 36,6% das exportações da região, ressaltando-se a elevação das vendas de automóveis para a Argentina e a Alemanha.

A evolução das importações traduziu os aumentos registrados nas aquisições relativas a todas as categorias de uso. As compras de bens de consumo duráveis cresceram 82% nos três primeiros meses de 2010, em relação a igual intervalo do ano anterior, ressaltando-se a elevação de 84,1% assinalada nas compras de automóveis, das quais 67,9% provenientes da Argentina. As importações de combustíveis aumentaram 71,8%, a maior parte originária da Nigéria, seguindo-se as expansões observadas nas aquisições de produtos intermediários, 66,1%, com ênfase no aumento de 367,1% nas relativas a naftas; de bens de consumo não duráveis, 41%, ressaltando-se a elevação de 70,5% nas referentes a demais produtos manufaturados; e de bens de capital, 25,3%, destacando-se o aumento de 28,4% registrado nas aquisições de veículos de carga, provenientes, em especial, da Argentina. Os principais mercados de origem foram Argentina, China e Nigéria, com participação conjunta de 38,4% nas compras da região.

Tabela 5.10 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2009				2010
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-85,6	32,5	54,7	149,6	29,4
Ind. de transformação	-67,5	2,3	9,4	45,4	11,0
Comércio	-8,5	6,8	16,1	46,8	-0,2
Serviços	0,5	27,3	22,2	33,8	14,8
Construção civil	-3,9	5,5	8,2	9,5	6,0
Agropecuária	-4,1	-12,6	-2,1	12,7	0,2
Serv. ind. de util. pública	0,2	0,2	0,1	0,6	0,8
Outros ^{2/}	-2,4	3,0	0,9	0,9	-3,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

O mercado formal de trabalho da região Sul, mantendo-se na trajetória de recuperação observada desde a segunda metade de 2009, criou, de acordo com o Caged/MTE, 29,4 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante eliminação de 85,6 mil em igual período do ano anterior, dos quais 14,8 mil no setor de serviços e 11 mil na indústria de transformação, que havia eliminado 67,5 mil vagas no trimestre finalizado em fevereiro de 2009.

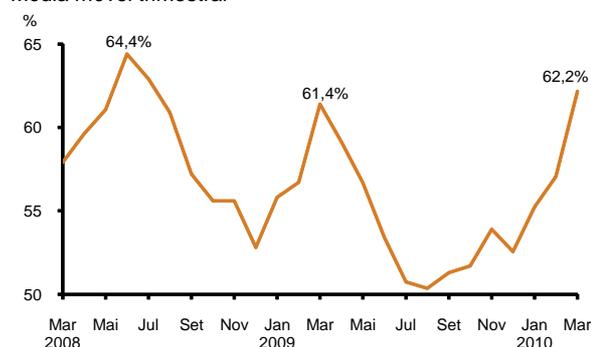
Considerando resultados anuais, foram criados 184,3 mil postos de trabalho na região em 2009, resultado 33,1% inferior ao assinalado no ano anterior e compatível com os saldos mensais registrados até julho, que embora positivos situaram-se em patamar inferior aos observados

em iguais períodos de 2008. Essa relação se alterou a partir de agosto, especialmente devido ao desempenho do comércio e à recuperação gradual do emprego na indústria de transformação e no comércio, segmentos responsáveis, em conjunto, por 68,2% dos empregos formais criados nos últimos cinco meses de 2009.

O nível de emprego aumentou 1,7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando crescera 1,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, evolução associada às elevações assinaladas na construção civil, 3,8%; indústria de transformação, 2,2%; e comércio, 1,6%.

Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul

Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

Tabela 5.11 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	1,75	0,46	0,89	1,95
Livres	72,4	1,88	0,36	0,75	2,64
Comercializáveis	34,4	2,50	-0,81	0,38	1,89
Não comercializáveis	38,0	1,31	1,46	1,08	3,32
Monitorados	27,6	1,40	0,69	1,26	0,17
Principais itens					
Alimentação	22,1	2,16	-0,47	-0,06	4,50
Habitação	14,0	3,01	1,30	0,73	0,89
Artigos de residência	4,4	1,52	-1,01	0,41	1,86
Vestuário	6,8	3,19	0,49	1,75	-0,07
Transportes	19,9	-0,41	0,37	2,03	0,46
Saúde	10,3	1,77	1,02	0,48	0,97
Despesas pessoais	11,0	3,98	1,43	1,25	2,61
Educação	6,7	0,15	0,65	0,04	5,25
Comunicação	4,9	0,30	0,54	1,04	0,10

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a março de 2010.

A variação registrada pelo IPCA da região Sul⁵ atingiu 1,95% no trimestre encerrado em março, ante 0,89% no finalizado em dezembro, movimento decorrente do impacto mais expressivo da aceleração, de 0,75% para 2,64%, observada na variação dos preços livres, em relação à desaceleração, de 1,26% para 0,17%, assinalada no âmbito dos preços monitorados. Ressalte-se que a menor variação dos preços nesse segmento evidenciou, em especial, o recuo de 14,83% registrado no item passagens aéreas, contrastando com o impacto de 0,09 p.p. atribuído ao aumento de 3,54% assinalado no item ônibus urbano.

O desempenho dos preços livres refletiu o impacto das acelerações observadas nas variações dos preços dos itens comercializáveis, de 0,38% para 1,89%, com ênfase nas elevações dos preços dos itens açúcares e derivados, 15,52%, e leites e derivados, 9,77%, e daqueles não comercializáveis, de 1,08% para 3,32%, ressaltando-se as contribuições exercidas pelos aumentos nos preços do item cursos, 0,27 p.p., e do grupo alimentação, 0,49 p.p.

Refletindo maior disseminação dos reajustes de preços, o índice de difusão atingiu média de 62,2% no trimestre finalizado em março, ante 52,6% naquele encerrado em dezembro de 2009.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da região Sul atingiu 5,14% em março, ante 4,15% em dezembro, trajetória decorrente do impacto mais intenso da aceleração, de 3,95% para 5,74%, registrada na variação nos preços livres, comparativamente ao proporcionado pela desaceleração, de 4,69% para 3,57%, observada nos preços monitorados.

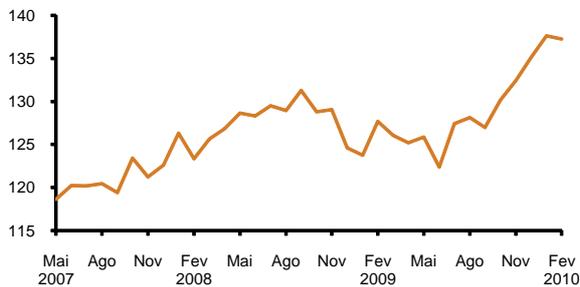
^{5/} Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

As expectativas otimistas em relação à evolução da economia da região Sul em 2010 estão sustentadas pelas projeções favoráveis em relação à safra de grãos e pelas perspectivas de continuidade da recuperação da indústria, em cenário de expansão das vendas para o mercado interno. Nesse contexto, que evidencia a contribuição do dinamismo da demanda interna e das operações de crédito, deve ser considerado o eventual estímulo adicional proporcionado à economia da região pelas perspectivas de consolidação da melhora no ambiente econômico.

Paraná

Gráfico 5.8 – Índice de Atividade Econômica Regional – Paraná (IBCR-PR)

Dados dessazonalizados
2002 = 100

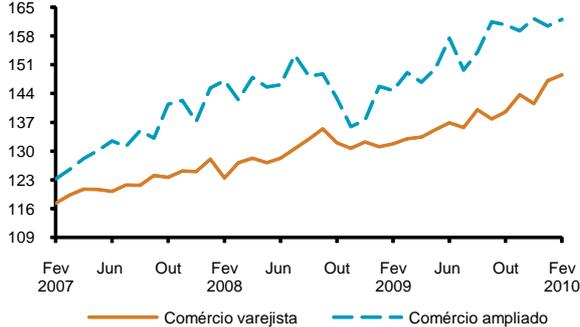


A evolução favorável registrada pelos indicadores econômicos do Paraná no início de 2010 se constitui em indicativo relevante de que o processo de retomada da atividade observado no estado deverá se intensificar no decorrer de 2010. O cenário vislumbrado nos primeiros meses do ano, expresso em expansões da atividade industrial e do comércio varejista, na recuperação do setor agrícola e na retomada dos investimentos e das vendas externas de manufaturados, se traduziu no maior dinamismo do Índice de Atividade Econômica Regional – Paraná (IBCR-PR). Nesse sentido, o indicador cresceu 5,2% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando, de acordo com dados dessazonalizados, crescera 3,1% no mesmo tipo de comparação, ressaltando-se que a variação do indicador acumulada em doze meses atingiu 1,3% em fevereiro, ante retração de 0,8%, em novembro de 2009. A inflação, impulsionada pelo comportamento dos preços livres, seguiu em aceleração no trimestre.

Gráfico 5.9 – Comércio varejista – Paraná

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

As vendas do comércio varejista paranaense aumentaram 3,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam crescido 2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Registraram-se, no trimestre, elevações importantes nas vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, 14,8%; móveis e eletrodomésticos, 5,5%; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 5,1%. Incorporados o aumento de 3,3% observado nas vendas de material de construção e a retração de 4,4% assinalada nas relativas a veículos, motos, partes e peças, o comércio ampliado cresceu 0,7%, no período.

Tabela 5.12 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2009		2010
		Nov ^{1/}	Nov ^{1/}	Fev ^{1/} 12 meses
Comércio varejista	5,2	2,0	3,8	6,4
Combustíveis e lubrificantes	-1,1	4,1	3,1	-2,4
Hiper, supermercados	4,5	-1,6	3,9	6,1
Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	3,1	1,1	0,9
Móveis e eletrodomésticos	0,4	6,4	5,5	3,8
Comércio ampliado	6,0	4,4	0,7	7,8
Automóveis e motocicletas	11,1	9,1	-4,4	13,1
Material de construção	-14,0	6,4	3,3	-8,7

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

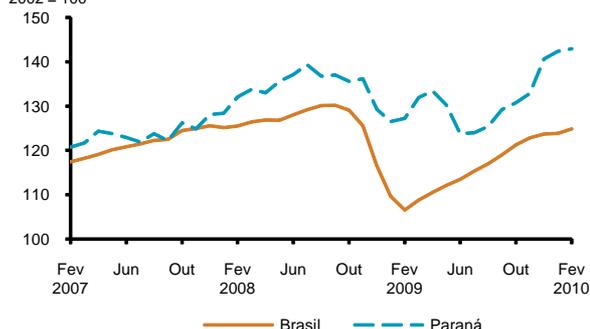
Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo, em trajetória ascendente a partir de novembro, elevaram-se 6,4% em fevereiro, em relação a igual período de 2009, ante 4,8% em novembro, com ênfase nos crescimentos observados nos segmentos de materiais de escritório, informática e comunicação, 49%, e artigos farmacêuticos, médicos e perfumaria, 23,8%, e na retração de 2,4% observada nas vendas de combustíveis, único resultado negativo no período. As vendas de veículos, motos, partes e peças elevaram-se 13,1%, melhor desempenho desde dezembro de 2008, e as relativas a material de construção recuaram 8,7%, resultando em crescimento de 7,8% do comércio ampliado, no período.

As vendas de veículos novos no estado registraram recuo anual de 9,6% em 2009, de acordo com as estatísticas

da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores do Estado do Paraná (Fenabreve-PR) e do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv-PR). Sugerindo a recuperação do setor, essas vendas assinalaram aumento de 16,7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação a igual intervalo de 2009, comparativamente à redução de 0,8% registrada, nesse tipo de comparação, no trimestre terminado em novembro de 2009.

Gráfico 5.10 – Produção industrial – Paraná

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.13 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		2010
		Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	6,0	7,6	-0,6
Edição e impressão	21,2	12,8	-6,8	29,9
Produtos alimentícios	16,3	-1,6	9,3	-2,7
Veículos automotores	11,8	24,9	19,2	-14,9
Refino de petróleo e álcool	9,0	-0,6	2,5	2,0
Celulose e papel	8,7	1,0	-0,1	0,2
Máquinas e equipamentos	8,3	10,0	9,7	-2,4

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A indústria do estado, ratificando o processo de recuperação acentuado a partir de setembro de 2009, cresceu 7,6% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro do ano anterior, quando registrara expansão de 6% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. Dentre as catorze atividades pesquisadas, oito registraram resultados positivos, com destaques para veículos automotores, 19,2%; alimentos, 9,3%; e máquinas e equipamentos, 9,7%, enquanto o recuo mais representativo ocorreu na indústria de edição e impressão, 6,8%, refletindo, em especial, a menor produção de livros didáticos.

Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria do estado decresceu 0,6% em fevereiro de 2010, em relação a igual intervalo do ano anterior, resultado sensivelmente superior ao assinalado em novembro de 2009, quando, mantido no período de análise, o recuo atingiu 4,5%. Os principais determinantes dessa melhora se constituíram nas expansões observadas nos setores edição e impressão, 29,9%; outros produtos químicos, 20,5%; e refino de petróleo e produção de álcool, 2%.

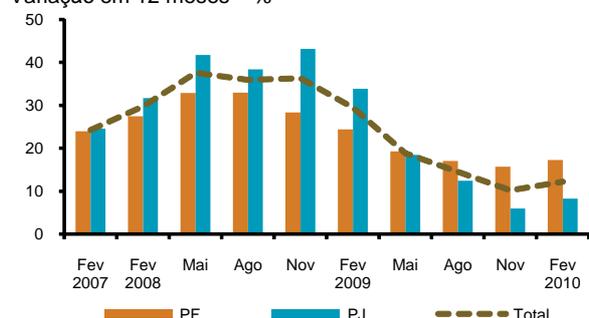
As vendas reais da indústria paranaense aumentaram 5,3% no trimestre encerrado em fevereiro de 2010, em relação ao finalizado em novembro de 2009, quando haviam recuado 2,1%, no mesmo tipo de comparação, consideradas estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). Em sentido oposto, sugerindo ajuste de estoques, o Nuci da indústria do estado recuou 0,4 p.p., no trimestre. Considerados períodos de doze meses, as vendas reais decresceram 4,2% em fevereiro, em relação ao período correspondente do ano anterior, ante recuos respectivos, no mesmo tipo de comparação, de 5,9% e 2,6% em novembro e em agosto de 2009.

A demanda por cimento no Paraná registrou, de acordo com o SNIC, crescimento anual de 3% em 2009, ante expansão de 0,6% em âmbito nacional, elevando a participação do estado no consumo do país para 6%. Na margem, a demanda pelo insumo registrou recuo de 3,7%

no trimestre encerrado em janeiro, em relação ao finalizado em outubro de 2009, quando havia aumentado 9,7%, no mesmo tipo de comparação.

Gráfico 5.11 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 5.14 – Necessidades de financiamento do estado do Paraná e seus principais municípios^{1/}

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2008	2009	2008	2009
	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez
Total	-1 988	-397	1 816	1 255
Governo estadual	-2 120	-394	1 739	1 162
Capital	206	-22	-1	20
Demais municípios	-74	19	78	73

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 5.15 – Dívida líquida e necessidades de financiamento do estado do Paraná e seus principais municípios^{1/}

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
		2008	Nominal		Outros ^{4/}	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Dez	
Total	14 302	-397	1255	859	-245	14 916
Governo estadual	13 919	-394	1162	768	-156	14 531
Capital	216	-22	20	-2	-88	127
Demais municípios	167	19	73	92	-1	258

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no Paraná totalizou R\$85,4 bilhões em fevereiro, elevando-se 2,7% em relação a novembro de 2009 e 12,2% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiram R\$39,3 bilhões, aumentando 3,6% no trimestre e 17,3% em doze meses, com ênfase na evolução das modalidades financiamento de veículos automotores, custeio rural e financiamento imobiliário. A carteira de pessoas jurídicas somou R\$46,1 bilhões, registrando variações respectivas de 1,9% e 8,3% nos períodos mencionados, ressaltando-se o desempenho dos empréstimos para capital de giro.

A taxa de inadimplência no estado atingiu 3,67% em fevereiro, registrando recuo de 0,23 p.p., no trimestre. Essa evolução traduziu as retrações respectivas de 0,33 p.p. e 0,16 p.p. assinaladas nas taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, que se situaram, na ordem, em 4,69% e 2,81%.

Os governos do estado e dos principais municípios do Paraná registraram superávit primário de R\$0,4 bilhão em 2009, reduzindo-se 80% em relação ao ano anterior. Essa trajetória refletiu os recuos assinalados nos superávits do estado, 81,4%, e dos demais municípios considerados, 125,8%, e a reversão, de déficit de R\$206 milhões para superávit de R\$22 milhões, observada no resultado da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$1,3 bilhão em 2009, assinalando recuo anual de 30,9%, consistente com a reversão, de 9,11% para -1,44%, observada na variação anual do IGP-DI, principal indexador dos passivos regionais renegociados com a União. O resultado nominal registrou déficit de R\$0,9 bilhão no ano, ante superávit de R\$0,2 bilhão no ano anterior.

A dívida líquida do estado e principais municípios atingiu R\$14,9 bilhões em 2009, ressaltando-se que a elevação de 4,3% registrada em relação a dezembro de 2008 decorreu, fundamentalmente, da evolução da dívida na esfera estadual.

A safra de grãos do Paraná deverá totalizar 30,9 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de março, do IBGE, registrando crescimento anual de 26,7% e retomando a posição de principal produtor nacional de

Tabela 5.16 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação % 2010/2009
		2009	2010 ^{1/}	
Grãos	81,4	24 393	30 909	26,7
Feijão	7,8	753	788	4,7
Milho	23,8	11 133	12 549	12,7
Soja	39,2	9 492	14 084	48,4
Trigo	6,6	2 453	2 880	17,4
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	6,9	50 096	54 575	8,9
Fumo	3,3	146	160	9,7
Mandioca	2,4	4 271	4 313	1,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2010.

grãos, com participação de 21,2% na produção do país. O desempenho favorável projetado para o setor reflete, fundamentalmente, o aumento estimado para a produtividade média das principais lavouras, motivado pela distinção entre as condições climáticas atuais e as registradas na época do plantio e do desenvolvimento da safra anterior. O prognóstico de aumento anual de 48,4% para a safra de soja está condicionado aos estímulos proporcionados à cultura pelo patamar de suas cotações à época do plantio, pela maior liquidez na comercialização do grão e pela melhor estrutura de escoamento da produção, em relação a outras lavouras. Nesse cenário, incorporando terras antes destinadas ao plantio do milho e, em menor escala, ao feijão, a produção de soja deverá totalizar 14,1 milhões de toneladas em 2010, patamar recorde para o estado.

Estimativa do Departamento de Economia Rural (Deral) da Seab para 2010, divulgada em março, ratificando a projeção do IBGE, revela que a produção de grãos do estado deverá crescer 27,8% no ano, totalizando 31,3 milhões de toneladas. Vale mencionar que a projeção incorpora recuo de 4,4% na área destinada ao plantio, resultado de retrações na primeira safra, 1%; na segunda safra, 10,8%; e na safra de inverno, 9,2%.

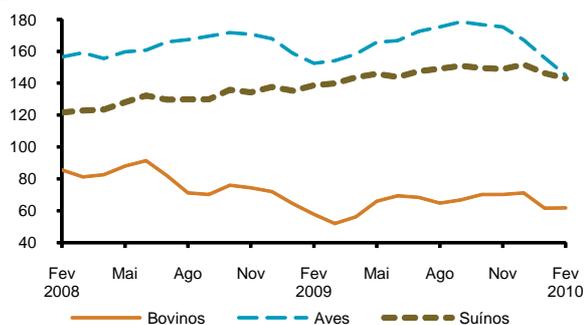
O VBP agrícola relativo a 2010, consideradas as estimativas do LSPA de março para a produção física e os preços médios recebidos pelos produtores do Paraná no primeiro trimestre do ano, deverá registrar aumento anual de 13,7%. O resultado modesto, em relação à intensidade da recuperação da safra agrícola do estado, traduz a trajetória desfavorável das cotações dos principais grãos. Nesse sentido, de acordo com a Seab/Deral, os preços médios do feijão, soja, milho e trigo, produtos que representam, em conjunto, 98% da produção de grãos prevista para o estado neste ano, recuaram 31,8%, 23,9%, 16,6%, e 15,7%, respectivamente, em relação ao primeiro trimestre de 2009. Vale mencionar que esse comportamento foi condicionado, em parte, pelo aumento dos estoques internacionais e pelas estimativas de crescimentos para as safras de milho e soja no Brasil, na Argentina e no Paraguai, assim como pelas dificuldades de armazenagem da safra atual, devido ao comprometimento da capacidade armazenadora do estado com produtos de safras anteriores.

Os abates de suínos, frangos e bovinos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações anuais respectivas de 12,2%, 1,4% e -17,6% em 2009, ante, 8,3%, -1,8% e -4,2%, respectivamente, no Brasil. A participação do Paraná no total dos abates realizados no

Gráfico 5.12 – Abates de animais – Paraná

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

país atingiu, na ordem, 17,5%, 27,6% e 3,7%, no período, enquanto os preços médios recebidos pelos produtores no estado registraram, de acordo com a Seab, recuos respectivos de 6% e 26,8% nos segmentos de bovinos e de suínos, e estabilidade no relativo a carnes de frango. Ao contrário do desempenho anual, os abates de aves decresceram 5,2% no primeiro bimestre de 2010, em relação a igual período do ano anterior, enquanto os relativos a bovinos e a suínos cresceram 10,3% e 0,9%, respectivamente.

Tabela 5.17 – Balança comercial – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Exportação	2 199	2 565	16,6	25,8
Importação	1 809	2 642	46,1	36,0
Saldo	390	(78)	-119,9	-70,1
Corrente de comércio	4 008	5 207	29,9	30,7

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.18 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	2 199	2 565	16,6	25,8
Básicos	923	979	6,0	32,8
Industrializados	1 276	1 585	24,3	21,7
Semimanufaturados	229	199	-12,8	29,7
Manufaturados ^{1/}	1 047	1 386	32,4	19,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.19 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	1 809	2 642	46,1	36,0
Bens de consumo	223	422	88,8	43,1
Duráveis	133	252	89,1	65,7
Não duráveis	90	170	88,4	22,1
Bens intermediários	911	1 371	50,5	41,5
Bens de capital	439	563	28,3	17,5
Comb. e lubrificantes	236	286	21,3	43,3

Fonte: MDIC/Secex

A balança comercial do estado registrou, de acordo com estatísticas do MDIC, déficit de US\$78 milhões no primeiro trimestre 2010, ante superávit de US\$390 milhões em igual período de 2009, reversão compatível com as variações respectivas de 46,1% e 16,6% registradas nas importações e nas exportações, que totalizaram, na ordem, US\$2.642 milhões e US\$2.565 milhões.

A variação observada nas exportações paranaenses refletiu o impacto dos aumentos respectivos de 11,7% e 4,4% registrados nos preços e no *quantum* exportado. As vendas externas de produtos manufaturados aumentaram 32,4% nos três primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2009, com ênfase nos aumentos relativos a automóveis de passageiros, 78,2%, e torneiras e válvulas, 226,7%, enquanto os embarques de produtos básicos elevaram-se 6%, ressaltando-se as variações observadas nas vendas de carne de frango, 16,8%; e soja, 1,5%. Em sentido oposto, as exportações de produtos semimanufaturados decresceram 12,8% no período, impactadas, em especial, pela redução de 43% registrada nas relativas a açúcar de cana. As vendas direcionadas à Argentina, concentradas em automóveis, Alemanha, China, EUA e Holanda representaram 48,7% das exportações do estado.

A evolução das importações traduziu as variações respectivas de 3,9% e 40,5% assinaladas nos preços e no *quantum* importado. As compras externas de bens de consumo duráveis elevaram-se 89,1%, impulsionadas pelos aumentos nas relativas a veículos, 88,2%; e lâmpadas e faróis 177,1%; enquanto as relacionadas a bens de consumo não duráveis cresceram 88,4%, ressaltando-se os acréscimos nas relativas a medicamentos, 31,3%; e produtos hortícolas, 110%. As importações de bens de capital elevaram-se 28,3%, com ênfase nos aumentos nas compras de bombas e compressores, 108%; e máquinas automáticas, 60,5%, enquanto as relativas a bens intermediários aumentaram 50,5%, destacando as expansões nas aquisições de partes e peças de veículos automotores e tratores, 134,5%; e circuitos integrados eletrônicos, 60,4%. Adicionalmente,

Tabela 5.20 – Evolução do emprego formal – Paraná

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2009				2010
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-45,7	30,5	27,3	43,2	-8,4
Ind. de transformação	-27,8	7,9	6,4	15,2	-4,7
Comércio	-3,8	3,2	7,3	15,1	-0,7
Serviços	-2,1	10,5	8,9	9,3	3,2
Construção civil	-1,9	3,3	3,3	3,6	1,5
Agropecuária	-9,3	5,0	0,8	-0,1	-7,7
Serv. ind. de util. pública	-0,1	-0,2	0,2	0,2	0,1
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

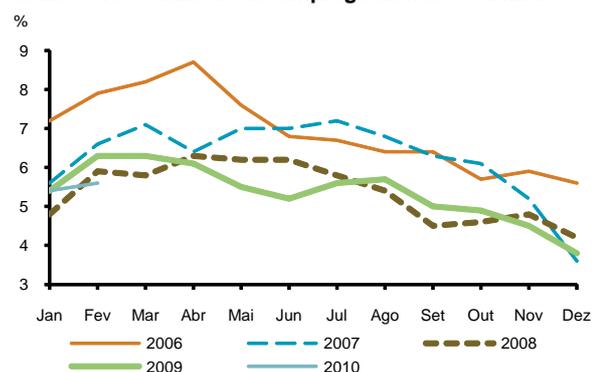
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

as importações de combustíveis e lubrificantes assinalaram aumento de 21,3%, no período. Os produtos importados pelo estado foram provenientes, em especial, da China, da Nigéria, da Argentina, da Alemanha e dos EUA, responsáveis, em conjunto, por 50,3% das aquisições externas do Paraná.

O mercado de trabalho formal paranaense registrou, de acordo estatísticas do Caged/MTE, a eliminação de 8,4 mil postos no trimestre encerrado em fevereiro, ante extinção de 45,7 mil vagas em igual período do ano anterior. Essa melhora acentuada traduziu, em parte, o impacto das contratações líquidas registradas nas atividades serviços, 3,2 mil, e construção civil, 1,5 mil, responsáveis, em conjunto, por 4 mil demissões no trimestre encerrado em fevereiro de 2009.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal aumentou 1,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro, refletindo a ocorrência de resultados favoráveis nas oito atividades pesquisadas, ressaltando-se o aumento de 4,6% verificado na construção civil.

A economia do estado proporcionou a criação de 69,1 mil postos de trabalho no ano, ante 110,9 mil em 2008, evolução decorrente, em especial, do desempenho das atividades agricultura e comércio, responsáveis, em conjunto, pela criação de 18,4 mil e de 39,1 mil empregos formais nos anos considerados.

Gráfico 5.13 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba

Fonte: Iparades/IBGE

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego, elaborada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparades) em convênio com o IBGE, a taxa de desemprego na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) situou-se em 5,6% em fevereiro, ante 4,5% em novembro, reflexo de redução de 0,6% na população ocupada e de aumento de 0,6% na PEA. Os rendimentos médios habituais reais elevaram-se 1,6% no trimestre e 5,7% em doze meses, enquanto a taxa de desemprego, considerados dados dessazonalizados, atingiu 5,2% em fevereiro, reduzindo-se 0,6 p.p. em relação a janeiro.

O IPCA da RMC variou 1,78% no primeiro trimestre de 2010, ante elevação de 2,06% registrada pelo índice nacional. A aceleração de 0,75 p.p., assinalada em relação ao trimestre encerrado em dezembro de 2009, evidenciou o impacto mais acentuado do aumento na variação dos preços livres, de 0,68% para 2,96%, em relação ao associado à reversão, de 1,90% para -1,14%, observada no âmbito dos preços monitorados.

A aceleração dos preços livres evidenciou o aumento, de 0,64% para 2,10%, observado na variação dos preços dos bens comercializáveis, decorrente, em grande parte, das elevações registradas nos preços dos itens açúcares e derivados, 16,32%; leites e derivados, 12,66%; e carnes, 3,96%, que exerceram impacto conjunto de 0,46 p.p. na variação total do indicador. Os preços dos itens não comercializáveis registraram aumento de 3,72%, ante 0,72% no trimestre finalizado em dezembro, ressaltando-se o impacto conjunto de 0,59 p.p. associado aos aumentos nos itens hortaliças e verduras, 61,53%, e tubérculos, 31,2%, e ao reajuste sazonal no item cursos, 7,27%.

Tabela 5.21 – IPCA – RMC

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2009	2010		
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	1,81	0,51	1,03	1,78
Livres	71,2	1,75	0,52	0,68	2,96
Comercializáveis	33,2	2,35	-0,53	0,64	2,10
Não comercializáveis	38,1	1,21	1,46	0,72	3,72
Monitorados	28,8	1,95	0,48	1,90	-1,14
Principais itens					
Alimentação	20,8	1,83	-0,12	-0,90	5,32
Habitação	13,6	2,62	1,08	1,24	0,57
Art. residência	4,3	3,47	-1,76	1,47	1,52
Vestuário	6,3	2,57	1,56	1,04	0,57
Transportes	22,5	0,48	0,21	2,77	-1,67
Saúde	9,9	1,67	1,50	0,74	1,14
Despesas pessoais	10,7	4,19	0,75	1,07	3,10
Educação	6,8	0,17	0,73	-0,02	6,28
Comunicação	5,0	0,63	0,80	2,18	0,39

Fonte: IBGE

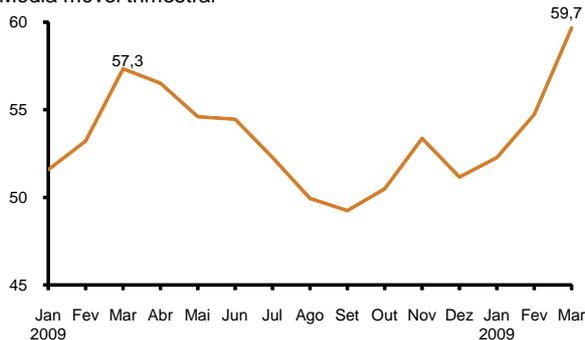
1/ Referentes a março de 2010.

A reversão experimentada pela variação dos preços monitorados traduziu, em grande parte, as retrações assinaladas em catorze dos vinte itens do grupo pesquisados na RMC, com ênfase nas relativas a passagem aérea, 14,24%, e emplacamento e licença, 2,26%, e no recuo, de 3,63% para -4,69%, experimentado pela variação trimestral do item gasolina. O índice de difusão, revelando maior dispersão dos aumentos de preços, atingiu 59,7%, em média, no trimestre encerrado em março, ante 51,2% naquele finalizado em dezembro.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMC registrou expansão de 5,22% em março, ante 4,67% em dezembro de 2009, e média de 5,17% no país. O aumento na variação do indicador resultou dos efeitos da aceleração, de 4,13% para 6,03%, registrada nos preços livres, e do arrefecimento, de 6,07% para 3,21%, assinalado na variação dos preços monitorados.

Gráfico 5.14 – Índice de difusão IPCA – Curitiba

Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

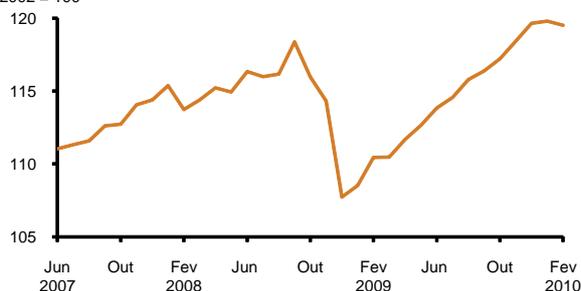
A recuperação da economia paranaense, conforme enfatizado no boletim anterior, vem se beneficiando do dinamismo da demanda interna – em cenário de expansão da massa salarial e das operações de crédito – e da recuperação expressiva experimentada pelo setor industrial. A esse cenário, em que o IBCR-PR atingiu, em janeiro, o maior patamar da série histórica, devem ser acrescentados os impactos benignos da consolidação da recuperação da safra agrícola e da retomada mais consistente da economia mundial, que deverão, em conjunto, favorecer os fluxos de comércio externo direcionados ao estado.

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.15 – Índice de Atividade Econômica Regional – Rio Grande do Sul (IBCR-RS)

Dados dessazonalizados

2002 = 100

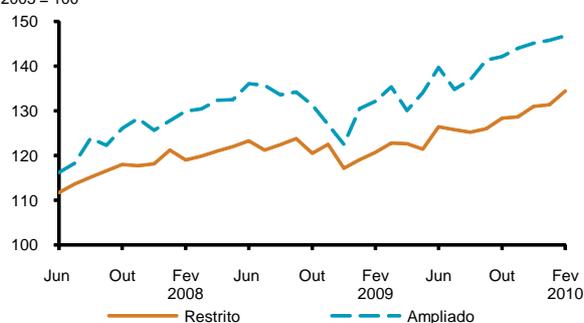


A superação dos efeitos da crise econômica recente, evidenciada pela evolução da atividade nos últimos meses de 2009, foi confirmada pelos resultados positivos, na margem, dos principais indicadores econômicos do estado nos primeiros meses de 2010. Captando essa tendência, o Índice de Atividade Econômica Regional – Rio Grande do Sul (IBCR-RS) elevou-se 2,0% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, constituindo-se no quarto aumento consecutivo do indicador neste tipo de comparação, a partir de dados dessazonalizados. Vale ressaltar que o IBCR-RS cresceu 1,4% no período de doze meses encerrado em fevereiro, em relação a igual intervalo do ano anterior.

Gráfico 5.16 – Comércio varejista – RS

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

As vendas varejistas do estado aumentaram 2,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando cresceram 1,7% neste tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC, do IBGE, com ênfase nos aumentos observados nos segmentos móveis e eletrodomésticos, 6,1%; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 4,3%; e tecidos, vestuário e calçados, 4%. O comércio ampliado, incorporadas as variações de 12,7% nas vendas de materiais de construção e de -1,9% nas relativas a veículos, motos, partes e peças, cresceu 2,4% no período, ante elevação de 3,9% no trimestre encerrado em novembro.

Tabela 5.22 – Comércio varejista – RS

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2009	2009		2010
		Nov ^{1/}	Fev ^{1/}	
Comércio varejista	3,0	1,7	2,9	4,7
Combustíveis e lubrificantes	-6,3	-3,7	2,9	-4,6
Hiper, supermercados	2,4	1,1	2,3	3,7
Tecidos, vestuário e calçados	-0,5	-1,3	4,0	1,1
Móveis e eletrodomésticos	4,6	5,4	6,1	7,4
Comércio varejista ampliado	4,6	3,9	2,4	6,3
Automóveis e motocicletas	12,8	10,2	-1,9	13,3
Material de construção	-13,5	5,1	12,7	-7,9

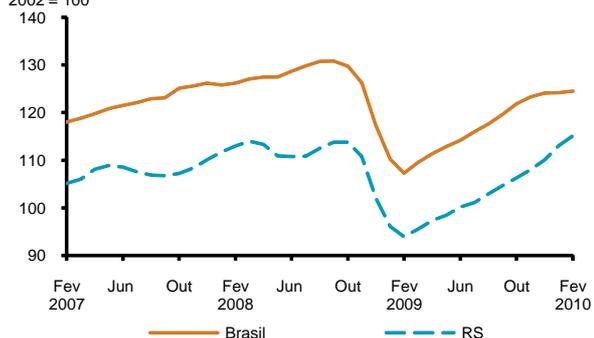
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas elevaram-se 4,7% em fevereiro, em relação a igual período do ano anterior, registrando-se resultados positivos em oito dos nove segmentos incluídos na pesquisa, com destaque para os consignados nos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 19,2%; livros, jornais, revistas e papelaria, 18,9%; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 11,8%. Em sentido inverso, assinala-se a redução de 4,6% observada nas vendas de combustíveis e lubrificantes. O comércio ampliado, refletindo as variações assinaladas nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 13,3%, e nas relativas a materiais de construção, -7,9%, cresceu 6,3% no período.

A expansão da indústria gaúcha manteve-se no trimestre encerrado em fevereiro, quando a atividade registrou crescimento de 2,4% em relação ao trimestre finalizado em novembro, período em que, mantido o tipo de comparação, ocorrera expansão de 4,3%, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF Regional, do IBGE.

Gráfico 5.17 – Produção industrial – RS
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.23 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		2010
		Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	4,3	2,4	-2,0
Alimentos	20,5	-1,3	-3,9	-4,1
Refino de petróleo e álcool	15,1	-0,1	-2,7	17,1
Máquinas e equipamentos	9,8	0,7	9,4	-23,0
Calçados e artigos de couro	9,2	7,3	-2,2	-16,2
Veículos automotores	8,6	12,1	4,3	-6,3
Outros produtos químicos	8,0	3,3	-4,8	22,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de fevereiro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.24 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2009	2010	
	Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	12 meses
IDI	3,4	3,8	-9,2
Compras industriais	5,9	11,1	-16,0
Vendas industriais	4,6	0,5	-6,6
Pessoal ocupado	0,5	1,6	-6,8
Horas trabalhadas	2,7	0,4	-10,8
Nuci ^{1/}	80,5	82,3	80,0

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

Registraram-se resultados positivos em sete das catorze atividades pesquisadas, com ênfase nos assinalados nas indústrias de mobiliário, 24,3%; máquinas e equipamentos, 9,4%; borracha e plástico, 7,9%; e celulose, papel e produtos de papel, 6,2%. As retrações mais acentuadas ocorreram nas atividades fumo, 9,1%, outros produtos químicos, 4,8%, e alimentos e bebidas, as duas últimas assinalando recuos de, igualmente, 3,9%.

A análise da evolução da indústria gaúcha em períodos de doze meses também evidencia sua recuperação. Nesse sentido, o recuo de 2% observado na produção do setor em fevereiro, em relação a igual período de 2009, se constitui em melhora expressiva comparativamente à retração de 9,9% assinalada em novembro passado, no mesmo tipo de comparação. O recuo assinalado no período de doze meses finalizado em fevereiro refletiu, em parte, o impacto das retrações observadas nos segmentos máquinas e equipamentos, 23%; calçados e artigos de couro, 16,2%; e edição, impressão e reprodução de gravações, 13,2%, enquanto, em sentido oposto, ocorreram elevações na produção das atividades refino de petróleo e álcool, 17,1%; outros produtos químicos, 22%; e mobiliário, 18,2%, esta favorecida pela redução da alíquota do IPI incidente sobre o setor.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI), consideradas estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), cresceu 3,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, impulsionado pelos crescimentos registrados nas compras do setor, 11,1%, e no Nuci, 1,8 p.p. O IDI recuou 9,2% no período de doze meses encerrado em fevereiro, em relação à igual período antecedente, ante retração de 12,8% em novembro, refletindo, nesta base de comparação, os recuos assinalados nas compras das indústrias, 16%; nas horas trabalhadas, 10,8%; nas vendas industriais, 6,6%; no pessoal ocupado, 6,8%; e no Nuci, 5 p.p.

Sondagem industrial realizada pela Fiergs, em janeiro, registrou nível recorde de otimismo, com o indicador de expectativa da demanda se situando em 67 pontos, maior valor desde abril de 2007. Essa trajetória, disseminada em todos os portes de empresas, em especial entre as pequenas, refletiu, em grande parte, o otimismo dos empresários consultados em relação à perspectiva de crescimento do mercado interno.

Ratificando esse cenário, o Icei, da Fiergs, atingiu 67 pontos em fevereiro, maior patamar da série iniciada

em 2005, ante 63,1 pontos em outubro, resultado de elevações respectivas de 4,3 p.p. e 4,6 p.p. nos componentes expectativas e condições atuais. A evolução do indicador sugere que a atividade industrial gaúcha deverá manter, nos próximos meses, o ritmo acentuado de recuperação recente, expresso em continuidade dos gastos com investimentos e no aumento do nível do emprego.

A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos no mercado imobiliário de Porto Alegre, que expressa a relação entre vendas e oferta e é divulgada pelo Sindicato das Indústrias da Construção do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), atingiu 16% em fevereiro de 2010, ante 11,8% em janeiro e 13,2% em fevereiro de 2009. Considerados períodos de doze meses, foram comercializadas 5.529 unidades em fevereiro, ante 5.354 em igual mês de 2009. Os resultados mais recentes nesse mercado sugerem a superação do momento mais crítico que sucedeu o agravamento da crise mundial, evolução compatível com as melhoras registradas nas expectativas dos agentes econômicos e nas condições dos financiamentos ao setor, e, adicionalmente, com a mudança na estrutura da oferta, que passou a privilegiar o segmento da habitação econômica.

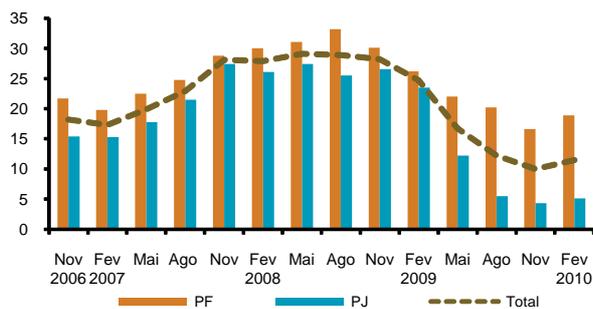
O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no estado totalizou R\$87,3 bilhões em fevereiro, elevando-se 4,1% em relação a novembro e 11,5% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiram R\$43,1 bilhões, aumentando 4,2% no trimestre e 18,9% em doze meses, com destaque para o desempenho dos financiamentos rurais e agroindustriais, imobiliários, para aquisição de veículos e dos empréstimos consignados. A carteira das pessoas jurídicas totalizou R\$44,2 bilhões, registrando variações de 4% no trimestre e de 5,1% em doze meses, com ênfase no aumento das operações contratadas pelas indústrias extrativas de petróleo e gás, e serviços correlatos e pelo comércio atacadista.

A inadimplência do sistema financeiro atingiu 3,4% em fevereiro, ante 3,6% em novembro, resultado dos recuos respectivos de 0,39 p.p. e 0,06 p.p. registrados nos atrasos relativos aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, que atingiram 4% e 2,8%, respectivamente, no mês.

Os governos do estado e dos principais municípios do Rio Grande do Sul registraram superávit primário de R\$2 bilhões em 2009. O crescimento de 131,6% em relação ao ano anterior refletiu os aumentos assinalados nos

Gráfico 5.18 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 5.25 – Necessidades de financiamento – RS^{1/}

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2008	2009	2008	2009
	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez
Total	-895	-2 073	5 716	1 786
Governo estadual	-962	-1 822	5 682	1 753
Capital	-154	-159	27	15
Demais municípios	221	-92	8	17

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 5.26 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
		2008	Nominal	Outros ^{4/}		
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Dez	
Total	38 610	-2 073	1 786	-287	-688	37 635
Governo estadual	38 575	-1 822	1 753	-68	-638	37 868
Capital	84	-159	15	-143	-41	-101
Demais municípios	-48	-92	17	-76	-9	-132

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.27 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul

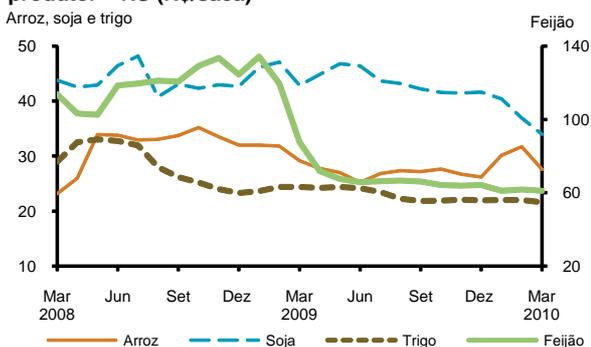
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2009	2010	
Grãos	70,9	22 331	24 145	8,1
Soja	30,3	7 913	9 782	23,6
Arroz (em casca)	22,8	7 913	6 855	-13,4
Milho	11,2	4 249	5 282	24,3
Trigo	4,9	1 806	1 810	0,3
Outras lavouras				
Fumo	11,7	444	347	-21,8
Mandioca	4,0	1 282	1 281	-0,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2010.

Gráfico 5.19 – Preços médios mensais pagos ao produtor – RS (R\$/saca)

Fonte: Emater

superávits do estado, 89,3%; da capital, 3%; e a reversão, de déficit de R\$221 milhões para superávit de R\$92 milhões, observada nos demais municípios considerados.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$1,8 bilhão em 2009. O recuo registrado no período atingiu 68,8%, em linha com a redução anual assinalada na variação do IGP-DI, principal indexador dos passivos regionais renegociados com a União. O superávit nominal totalizou R\$287 milhões no ano, ante déficit de R\$4,8 bilhões em 2008.

A dívida líquida atingiu R\$37,6 bilhões em 2009, reduzindo-se 2,5% em relação a dezembro de 2008, ressaltando-se que a retração da dívida na esfera estadual respondeu por 1,8 p.p. do recuo mencionado.

A safra de grãos do estado deverá registrar acréscimo anual de 8,1% em 2010, atingindo 24,1 milhões de toneladas, que representam 17% da produção nacional, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. Essa projeção reflete, em especial, as estimativas de aumentos para as colheitas de soja, 23,6%, e de milho, 24,3%. Em sentido oposto, estão previstos recuos para as culturas de fumo, 21,8%; arroz, 13,4%; maçã, 4,5%; e uva, 4,4%.

Refletindo elevação da demanda doméstica, os abates de aves e bovinos expandiram-se, respectivamente, 14,9% e 39,2% no primeiro trimestre de 2010, em relação a igual período de 2009, contrastando com o recuo de 4,5% observado nos relativos a suínos, de acordo com estatísticas do Mapa. As exportações de carnes de bovinos, suínos e aves registraram recuos respectivos de 36,7%, 22,1% e 0,7%, no período. De acordo com a Emater/RS e o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Iepe/UFRGS), os preços médios desses itens registraram variações respectivas de -5,8%, 2,8% e -2,9%, no primeiro trimestre de 2010, em relação a igual período de 2009.

A produção gaúcha de leite, que, segundo o IBGE, representa cerca de 14% da produção nacional, recuou 4,9% no primeiro bimestre, em relação a igual período de 2009, de acordo com a Associação Gaúcha de Laticinistas (AGL). A retração registrada no bimestre refletiu o impacto das elevadas temperaturas registradas no estado no período e provocou a elevação de 3,1% nos preços, segundo a Emater/RS. Vale ressaltar que, nos próximos meses, o bom desenvolvimento das pastagens deverá se refletir positivamente sobre o nível da produção.

Tabela 5.28 – Indicadores da pecuária – RS

Março de 2010

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates ^{1/}			
Bovinos	37,9	-36,7	-5,8
Suínos	-4,5	-22,1	2,8
Aves ^{2/}	9,1	-0,7	-2,9
Leite ^{3/}	-4,9	-	3,1

Fonte: AGL, Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

1/ Número de animais.

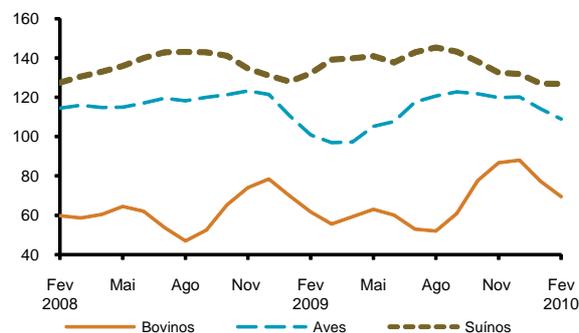
2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros. Até fevereiro.

Gráfico 5.20 – Abates de animais – RS

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 5.29 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	2 465	2 726	10,6	25,8
Básicos	878	884	0,7	32,8
Industrializados	1 587	1 842	16,1	20,6
Semimanufaturados	191	244	27,5	29,7
Manufaturados ^{1/}	1 396	1 598	14,5	18,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.30 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	1 797	3 055	70,0	36,0
Bens de capital	434	436	0,5	17,5
Matérias-primas	680	1 386	103,8	41,5
Bens de consumo	260	373	43,5	43,1
Duráveis	170	291	71,1	65,7
Não duráveis	90	82	-8,6	22,1
Combustíveis	423	860	103,3	43,3

Fonte: MDIC/Secex

O déficit comercial no estado totalizou US\$328,4 milhões nos três primeiros meses do ano, ante superávit de US\$667,1 milhões em igual período de 2009, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$2,7 bilhões e as importações US\$3,1 bilhões, registrando elevações respectivas de 10,6% e de 70%, no período.

O desempenho das vendas externas, decorrente de aumento de 11,7% nos preços e declínio de 1,2% no *quantum* exportado, refletiu, em parte, as elevações observadas nos embarques de produtos manufaturados, 14,5%, com ênfase nos relativos a polímeros de etileno, 40,1%; de produtos semimanufaturados, 27,5%, com destaque para a elevação de 52,3% assinalada nas vendas de couros e peles; e de produtos básicos, 0,7%, ressaltando-se, nessa categoria, o aumento nas vendas de carnes, 12,6%, e o declínio nas relativas a fumo, 28,3%. As exportações direcionadas à Argentina, aos EUA e ao Paraguai representaram, em conjunto, 27,9% das vendas externas do estado no período. As vendas à Argentina e ao Paraguai apresentaram aumentos respectivos de 54,2% e 47,5%, enquanto as direcionadas aos EUA, evidenciando principalmente as retrações nos embarques de calçados, 18,8%, e de fumo, 52,2%, recuaram 7,4%.

A evolução das compras externas traduziu os aumentos assinalados nos preços, 10,6%, e nas quantidades importadas, 53,4%. As aquisições de combustíveis cresceram 103% no período, impactadas, especialmente, pelas compras de petróleo em bruto originárias da Nigéria e da Argélia; as relativas a produtos intermediários aumentaram 103,8%, impulsionadas pelo aumento de 397,9% nas aquisições de naftas; as relacionadas a bens de consumo duráveis elevaram-se 71,1%, ressaltando-se a expansão de 82% nas referentes a automóveis; e as relativas a bens de capital cresceram 0,5%, com ênfase no aumento de 21,9% nas aquisições de veículos de carga. Em sentido inverso, as compras de bens de consumo não duráveis recuaram 8,6%, impactadas, em grande parte, pela retração de 49,7% nas relativas a fumo. As importações provenientes da Argentina, da Nigéria e da Argélia representaram, em conjunto, 49,1% das aquisições do estado no primeiro trimestre de 2010, destacando-se o aumento nas compras de automóveis provenientes da Argentina.

Evidenciando a elevação do nível da atividade, o mercado de trabalho formal do estado assinalou a geração de 26,9 mil postos no trimestre encerrado em fevereiro de 2010, ante extinção de 24,1 mil em igual período de 2009, de acordo com o Caged/MTE. A indústria de transformação foi responsável pela criação de 11,5 mil vagas, das quais

Tabela 5.31 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul

Novos postos de trabalho

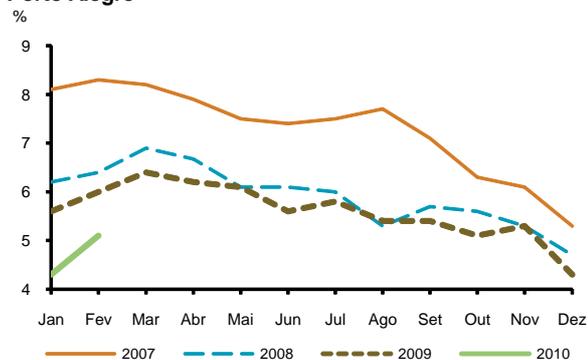
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2009				2010
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-24,1	3,6	9,1	59,7	26,9
Ind. de transformação	-21,9	-3,1	-3,9	17,8	11,5
Comércio	-2,4	2,8	4,1	17,3	0,6
Serviços	-0,3	11,5	7,2	12,4	7,6
Construção civil	-1,9	1,0	3,4	5,1	3,3
Agropecuária	2,6	-8,7	-1,9	6,6	3,9
Serv. ind. de util. pública	0,1	0,4	-0,1	0,2	0,5
Outros ^{2/}	-0,4	-0,3	0,4	0,2	-0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

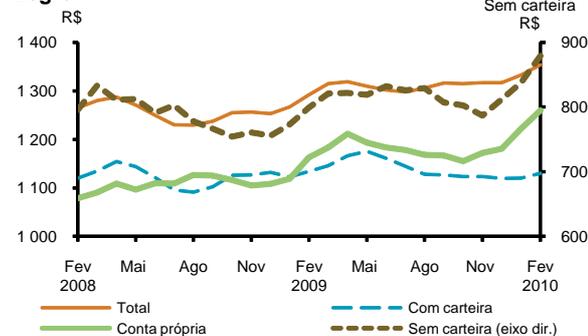
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 5.21 – Taxa de desemprego aberto – Porto Alegre



Fonte: IBGE

Gráfico 5.22 – Rendimento habitual médio real^{1/} – Porto Alegre



Fonte: IBGE

1/ Média móvel trimestral, a preços de fev/2010 corrigidos pelo INPC.

4,8 mil nas indústrias de borracha, fumo e couro, seguindo-se a geração de 7,6 mil postos no setor de serviços, dos quais 4,5 mil no segmento alojamento e alimentação.

Em 2009 foram gerados 64,3 mil empregos formais no estado, ante 90,6 mil no ano anterior, resultado associado, em especial, à eliminação de 1,7 mil postos observada na indústria de transformação. Vale ressaltar que a partir de agosto, em ambiente de retomada mais acentuada da atividade econômica no estado, registrou-se interrupção da eliminação de postos pela indústria de transformação, paralelamente à ocorrência de desempenhos positivos em todos os demais setores pesquisados, principalmente no comércio.

O nível de emprego formal aumentou 1,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando registrara, no mesmo tipo de comparação, crescimento de 1,4%, considerados dados dessazonalizados. A segmentação do resultado trimestral revela as expansões assinaladas na construção civil, 5,2%; na indústria de transformação, 2,2%; no setor de serviços, 1,4%; e no comércio, 1,3%.

De acordo com a PME, do IBGE, a taxa de desemprego aberto na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 5,1% em fevereiro, ante 5,3% em novembro de 2009 e 6% em igual mês de 2009, registrando-se, em bases anuais, acréscimos de 3,1% na PEA e de 4,1% na população ocupada. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 5% em fevereiro de 2010, ante 5,4% em novembro de 2009, recuo derivado das expansões respectivas de 1,8% e 1,2% assinaladas na população ocupada e na PEA. No trimestre, o rendimento médio real habitualmente recebido e a massa salarial real cresceram 2,8% e 1,5%, respectivamente, acumulando, na ordem, aumentos de 4,7% e 4,6% no período de doze meses.

O IPCA da RMPA registrou aumento de 2,10% no trimestre encerrado em março, ante 0,77% naquele finalizado em dezembro de 2009, variação decorrente das acelerações assinaladas no âmbito dos preços livres, de 0,72% para 2,47%, e dos monitorados, de 0,90% para 1,09%, esta evidenciando o impacto do reajuste no item ônibus urbano, 6,52%, parcialmente mitigado pela retração de 15,35% observada nos preços das passagens aéreas.

O comportamento dos preços livres traduziu as acelerações registradas nas variações dos preços dos itens comercializáveis, de 0,23% para 1,55%, e daqueles não comercializáveis, de 1,19% para 3,34%, esta refletindo

Tabela 5.32 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2009			2010
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	1,70	0,41	0,77	2,10
Livres	73,4	1,83	0,28	0,72	2,47
Comercializáveis	35,4	2,64	-1,18	0,23	1,55
Não comercializáveis	38,0	1,06	1,71	1,19	3,34
Monitorados	26,6	1,32	0,76	0,90	1,09
Principais itens					
Alimentação	23,1	2,44	-0,76	0,63	3,81
Habitação	14,2	3,32	1,48	0,31	1,16
Artigos de residência	4,8	-0,10	-0,38	-0,47	2,14
Vestuário	7,3	3,70	-0,38	2,34	-0,60
Transportes	18,0	-1,16	0,51	1,41	2,25
Saúde	10,7	1,85	0,63	0,26	0,83
Despesas pessoais	10,7	3,81	2,00	1,40	2,21
Educação	6,4	0,14	0,58	0,09	4,37
Comunicação	4,9	0,03	0,32	0,10	-0,14

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2010.

o efeito dos reajustes sazonais dos itens cursos, 4,98%, exercendo contribuição individual de 0,21 p.p. para o aumento do IPCA, e dos aumentos nos preços dos itens tubérculos, 19,13%, e condomínio, 3,59%. O desempenho dos preços dos itens comercializáveis traduziu, em especial, o impacto de 0,41 p.p. inerente ao aumento de 3,17% assinalado em itens de alimentação desse segmento, com ênfase nas elevações nos itens açúcares e derivados, 14,81%, e leites e derivados, 7,39%, contrastando com a redução de 0,60% registrada no grupo vestuário.

Indicando maior dispersão dos reajustes de preços, o índice de difusão atingiu média de 56,8% no trimestre finalizado em março, ante 51,9% naquele encerrado em dezembro.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da RMPA atingiu 5,07%, em março, ante 3,72%, em dezembro de 2009, aceleração decorrente de aumentos nas variações dos preços livres, de 3,66% para 5,40%, e dos monitorados, de 3,83% para 4,14%. Ressaltem-se, no período, os aumentos assinalados nas variações dos preços dos grupos alimentação, 6,20% ante 3,26%, e transportes, 3,01% ante 0,65%.

A evolução dos principais indicadores econômicos do estado no primeiro bimestre de 2010, em cenário de expansão da demanda interna e de indicativos de retomada mais consistente dos fluxos de comércio externo, sinaliza que o processo de recuperação intensificado a partir de meados de 2009 deverá se manter no decorrer do ano. Essa percepção, fortalecida pelo elevado patamar da confiança dos empresários industriais gaúchos, captado pela Fiergs, poderá, no entanto, ser sensibilizada pela eventual persistência da aceleração recente experimentada pelos preços.